

ANSIEDADE NOS ESTUDANTES DO ENSINO SUPERIOR.**Um Estudo com Estudantes do 4º Ano do Curso de Licenciatura em Enfermagem da Escola Superior de Saúde de Viseu**

CARLA MARIA VIEGAS E MELO CRUZ *

JOSÉ ROMÃO PINTO; MARILINE ALMEIDA; SORAIA ALELUIA **

*Docente da Escola Superior de Saúde e investigadora do Centro de Estudos em Educação, Tecnologias e Saúde (CI&DETS) do Instituto Politécnico de Viseu.

** Alunos do 4º ano do Curso de Licenciatura em Enfermagem da Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico de Viseu.

Resumo

Introdução: A ansiedade é uma experiência emocional em função da previsão de situações futuras ou em presença de situações consideradas como desagradáveis para o indivíduo. Ao longo do percurso académico o estudante é confrontado com situações geradoras de pressão psicológica e ansiedade. Como estudantes do Ensino Superior, decidimos avaliar o nível de Ansiedade dos estudantes do 4º ano do Curso de Licenciatura em Enfermagem e Identificar algumas variáveis que influenciam o comportamento ansioso.

Material/Métodos: Inventário Clínico de Auto-Conceito (Vaz Serra, 1985); Inventário de Ansiedade Traço-Estado – IDATE (Spielberg *et al*, 1970), traduzido e validado por (Biaggio e Natalício, 1979).

Estudo quantitativo, descritivo-correlacional, retrospectivo. A amostra é constituída por 107 estudantes, com idades compreendidas entre os 20 e 26 anos, do 4º ano da Escola Superior de Saúde de Viseu.

Resultados: Os scores de IDATE variam entre 21 e 80 ($\chi = 41.7$; $s = 11.9$) para a ansiedade - estado e entre 23 e 65 ($\chi = 40.8$; $s = 9.8$) para a ansiedade – traço. O auto conceito associou-se com a Ansiedade (A-Estado: $r = 0.375$ $p = 0.000$ e A-Traço: $r = 0.425$ $p = 0.000$) inferindo-se que quanto menor o auto conceito maior é a ansiedade. Considerou-se a existência de uma associação significativa entre ansiedade e apresentação oral de trabalhos; dias anteriores a frequência; dia da frequência e duração de ensinamentos clínicos. A associação

entre expectativas futuras e ansiedade revelou-se significativa no que concerne: exercer a profissão logo após a finalização do curso; o curso possibilitar a realização profissional e por fim concretizar os objectivos a curto prazo.

Conclusões: O estudo permitiu concluir que 52.3% dos estudantes de Enfermagem se encontram no nível II de ansiedade (moderado), tanto para a ansiedade – estado como para a ansiedade – traço e 27.1% no nível I (baixo) e possuem valores de auto-conceito, superiores à média (76.0).

Palavras-chave: Ansiedade; Estudantes; Auto-conceito; Ensino Superior.

Abstract

Introduction: The anxiety is an emotional experience due to the prediction of future situations or in presence of situations that are considered disagreeable by the individual.

Throughout the academic course the student is confronted with situations that generate psychological pressures and anxieties. As students of Higher Education, we decided to evaluate the level of anxiety of the 4^o year students on the Nursing Course to identify some variables that influenced the anxious behaviour.

Methodology/Methods: Inventário Clínico de Auto-Conceito (Vaz Serra, 1985); Inventário de Ansiedade Traço-Estado – IDATE (Spielberg *et al*, 1970), translated and certificated by (Biaggio e Natalício, 1979).

Quantitative study, co relational-descriptive, retrospective. The sample consisted of 107 4TH year students, whose ages were between 20 and 26 years, and were students at the Viseu Superior School of Health.

Results: The IDATE scores varied between 21 and 80 ($\chi = 41.7$; $s = 11.9$) for anxiety-state and between 23 and 65 ($\chi = 40.8$; $s = 9.8$) for anxiety-trace. The self-concept was associated with Anxiety (A-State: $r = 0.375$ $p = 0.000$ e A-Trace: $r = 0.425$ $p = 0.000$) inferring that the lower the self-concept the higher the anxiety. We have considered the existence of a significant association between anxiety and oral presentations; the days before the exams; the days of the exams and during clinical trials. The association between future expectations and anxiety revealed to be significant in the following concerns: the exercise of a profession right after

the end of the course; the course enables professional achievement and finally the realisation of short term objectives.

Conclusions: The study allowed us to conclude that 52.3% of the Nursing students were at level II of anxiety (moderate), so much for the anxiety-state as for the anxiety-trace and 27.1% at level I (low) and have self-esteem values that are superior to the average (76.0).

Keywords: Anxiety, Students, self-concept, Higher Education.

1. Introdução

Hoje em dia, os jovens estão tão susceptíveis a perturbações da ansiedade como os adultos. Esta problemática deve ser encarada com seriedade e compreensão, pois nessa idade todos os sentimentos e emoções tomam grandes proporções (CLAUDINO e CORDEIRO, 2004). A ansiedade é uma experiência emocional em função da previsão de situações futuras ou em presença de situações consideradas como desagradáveis para o indivíduo. Ao longo do percurso académico o estudante é confrontado com situações geradoras de pressão psicológica e ansiedade.

Neste sentido, consideramos pertinente estudar a ansiedade nos estudantes do ensino superior, tornando-se essencial considerar todo o envolvimento cultural, étnico e social da pessoa, para avaliar os mecanismos de adaptação, de forma a concluir-se que o comportamento demonstrado é inadequado, aceitável ou apropriado.

Assim, será que os níveis de ansiedade no estudante do Ensino Superior variam em função da sua vida académica?

Destacamos como objectivo primordial da nossa pesquisa, identificar o nível de ansiedade nos estudantes do 4º ano do Curso de Licenciatura em Enfermagem da Escola Superior de Saúde de Viseu (ESSV). Pretendemos também: Avaliar se as situações sócio-demográficas têm influência na ansiedade do estudante; Determinar a influência de algumas variáveis académicas no aparecimento da ansiedade nos estudantes; Comparar o auto-conceito com a ansiedade dos estudantes; Avaliar a influência das futuras expectativas profissionais no aparecimento da ansiedade dos estudantes; Identificar quais das variáveis estudadas estão presentes nos comportamentos ansiosos; Avaliar o nível de ansiedade apresentado pelos estudantes do 4º ano.

2. Material e métodos

Conceptualizamos um Estudo Quantitativo; Descritivo correlacional; Transversal; Retrospectivo; Não experimental. A amostra, é igual à população alvo, visto que foram inquiridos todos os estudantes (107) do 4º ano da ESSV.

O instrumento de colheita de dados, é constituído por quatro partes: Parte I – Dados Biográficos/Académicos; Parte II – Inventário clínico de Auto-Conceito (VAZ SERRA, 1985, cit in, VAZ SERRA 1986), para operacionalizar a variável auto-conceito; Parte III – Escala da Ansiedade Traço – Estado (IDATE), (Spielberg et al, 1970), traduzido e validado por (Biaggio e Natalício, 1979); Parte IV – Expectativas. Para avaliar a variável expectativas foi utilizada a Escala de Vivências Académicas (ALMEIDA e FERREIRA, 1997) e a Escala de Satisfação com a Experiência Académica (POLYDORO e SCHLEICH, 2006).

Para o tratamento estatístico dos dados, recorremos ao programa informático Statistical Package for Social Science (SPSS 16.0). Da estatística descritiva, utilizados os seguintes indicadores de medida: Frequências: Absolutas (N); Relativas ou percentuais (%); Medidas de tendência central: Médias (\bar{X}); Medidas de dispersão ou variabilidade: Desvios padrão (S); Coeficientes de variação (CV). Medida de assimetria ou enviesamento: $Skewness/std_{ErrorSk}$ (Sk e Sk/erro). Medida de achatamento ou curtose: $Kurtosis/std_{ErrorK}$ (K e K/erro).

Para testar as hipóteses, foram utilizados: teste de t de student, ANOVA e a correlação de Pearson.

3. Resultados

Apurados os resultados respeitantes à caracterização sócio-demográfica, as variáveis: idade, estado civil, curso de Enfermagem como primeira opção e número de reprovações, não foram incluídas nas hipóteses de investigação. Relativamente à idade, o intervalo na diferença de idades é diminuto (92.5% possui idades entre os 20 e os 24 anos), sendo esta variável irrelevante. Relativamente ao estado civil (apenas um indivíduo é casado), ao curso de Enfermagem como primeira escolha (87.9% responderam que “sim”) e ao número de reprovações (94.4% não têm reprovações no Ensino Superior). Assim, as diferenças encontradas nas respostas destes indivíduos a estas questões não foram consideradas significativas para este estudo.

Para testar o efeito da variável sexo, sobre a variável ansiedade nos estudantes, H_1 – Existe relação entre o sexo e a Ansiedade dos estudantes do 4º ano, utilizámos o teste t de student, de forma a comparar as médias entre os dois grupos, a fim de avaliar se as médias observadas destes eventos mostram ou não diferenças significativas entre elas, ou se as amostras diferem significativamente quanto às médias desses acontecimentos.

Relativamente ao traço de ansiedade (A-traço), pela análise da tabela (cf. TABELA 1), observamos que os homens ($\bar{x} = 37.185$) apresentam menor ansiedade do que as mulheres ($\bar{x} = 42.000$), sendo estas diferenças estatisticamente significativas ($t = 5.067$ $p = 0.026^*$). O estado de ansiedade (A-estado) nos homens ($\bar{x} = 38.115$) revela que são menos ansiosos que as mulheres ($\bar{x} = 43.185$), contudo estas diferenças não são estatisticamente significativas ($t = 3.625$ $p = 0.060$ -n.s.).

Face a esta constatação, somos levados a aceitar a hipótese 1, para a ansiedade-traço. No entanto, temos que a rejeitar para a ansiedade-estado. Assim, o sexo não tem efeito na ansiedade-estado dos estudantes, ou seja as variáveis são independentes. Podemos afirmar que a variável sexo tem apenas efeito significativo sobre a ansiedade-traço dos estudantes.

TABELA 1 – Resultados do teste t de student, da ansiedade em função do sexo

<i>Ansiedade</i>	<i>Sexo</i>	Homens (n=26)		Mulheres (n=81)		<i>t</i>	<i>p-level</i>
		\bar{x}	S	\bar{x}	S		
Nota Global da Escala IDATE-E		38.115	13.351	43.185	11.291	3.625	0.060-n.s.
Nota Global da Escala IDATE-T		37.077	10.284	42.000	9.514	5.067	0.026*

Para testar o efeito da variável zona de residência sobre a variável ansiedade dos estudantes do 4º ano, H_2 – Existe relação entre a Zona de Residência e a Ansiedade dos estudantes do 4º ano, aplicámos o teste t de student (cf. TABELA 2). Observamos que apesar de os estudantes que vivem em zona urbano (A-traço: $\bar{x} = 40.565$ e A-estado: $\bar{x} = 41.783$) terem um menor traço (A-traço) e estado de ansiedade (A-estado) do que os estudantes que vivem em zona rural (A-traço: $\bar{x} = 40.984$ e A-estado: $\bar{x} = 42.082$), as diferenças não são estatisticamente significativas ($t = 0.047$ $p = 0.830$ -n.s. e $t = 0.016$ $p = 0.899$ -n.s., respectivamente).

Esta constatação leva-nos a rejeitar a hipótese 2, tanto para a ansiedade-traço, como para a ansiedade-estado, o que equivale a afirmar que a zona de residência não tem efeito significativo na ansiedade dos estudantes, ou seja as variáveis são independentes.

TABELA 2 – Resultados do teste t de student, da ansiedade em função da variável zona de residência.

<i>Ansiedade</i>	<i>Zona de Residência</i>	Meio Rural (n=61)		Meio Urbano (n=46)		<i>t</i>	<i>p-level</i>
		\bar{x}	S	\bar{x}	S		
Nota Global da Escala IDATE-E		42.082	12.222	41.783	11.734	0.016	0.899-n.s.
Nota Global da Escala IDATE-T		40.984	9.008	40.565	11.045	0.047	0.830-n.s.

Para testar o efeito da variável coincidência do local de residência em tempo de aulas com o local de residência habitual sobre a variável ansiedade dos estudantes, H_3 – Existe relação entre a coincidência do local de residência em tempo de aulas com o local de residência habitual e a Ansiedade dos estudantes do 4º ano, utilizámos o teste t de student. A sua utilização (cf. TABELA 3) permitiu-nos observar que os estudantes que mantiveram a sua residência durante a frequência do curso apresentam menor estado e traço de ansiedade (\bar{x} = 39.889 e \bar{x} = 38.465, respectivamente) que aqueles que mudaram de residência (\bar{x} = 43.344 e \bar{x} = 42.375, respectivamente). Contudo, as diferenças para ambos não são estatisticamente significativas (t = 2.177 p = 0.143-n.s. e t = 4.141 p = 0.440-n.s., respectivamente).

Perante estes resultados, somos levados a rejeitar a hipótese 3, o que equivale a afirmar que a coincidência ou não do local de residência em tempo de aulas com o local de residência habitual não tem efeito significativo na ansiedade dos estudantes, ou seja, as variáveis são independentes.

TABELA 3 – Resultados do teste t de student, da ansiedade em função da coincidência local de residência em tempo de aulas com o local de residência habitual.

<i>Ansiedade</i>	<i>Coincidência</i>	Sim (n=43)		Não (n=64)		<i>t</i>	<i>p-level</i>
		\bar{x}	S	\bar{x}	S		
Nota Global da Escala IDATE-E		39.884	12.745	43.344	11.290	2.177	0.143-n.s.
Nota Global da Escala IDATE-T		38.465	8.998	42.375	10.211	4.141	0.440-n.s.

No que se refere à variável situações académicas, para verificarmos o efeito que tem sobre a variável ansiedade H_4 – Existe relação entre as Situações Académicas e a Ansiedade dos estudantes do 4º ano, aplicamos a todas as situações o teste ANOVA.

A sua utilização (cf. TABELA 4) permitiu-nos observar que, apesar dos estudantes que ‘concordam muitíssimo’ que a elaboração dos trabalhos de grupo provocam ansiedade serem os indivíduos que apresentam maior estado e traço de ansiedade (\bar{x} = 51.143 e \bar{x} = 45.571, respectivamente), contudo, não existem diferenças estatisticamente significativas (F = 1.383 p = 0.245-n.s. e F = 0.728 p = 0.575-n.s., respectivamente).

TABELA 4 – Resultados do teste ANOVA, da ansiedade em função da elaboração de trabalhos de grupo.

<i>Elaboração de trabalhos de grupo</i>	Não concordo (n=9)		Concordo pouco (n=23)		Concordo moderadamente (n=46)		Concordo muito (n=22)		Concordo muitíssimo (n=7)		F	p-level
	\bar{x}	S	\bar{x}	S	\bar{x}	S	\bar{x}	S	\bar{x}	S		
Nota Global da Escala IDATE-E	39,556	11,469	39,609	15,359	41,870	10,798	42,636	10,256	51,143	10,668	1,383	0,245-n.s.
Nota Global da Escala IDATE-T	38,111	11,208	39,826	12,123	40,478	9,380	42,091	7,659	45,571	10,374	0,728	0,575-n.s.

Em relação à apresentação oral (cf. TABELA 5), foram os estudantes que ‘concordaram muitíssimo’ que esta situação provocava ansiedade que revelaram também maior estado e traço de ansiedade ($\bar{x} = 47.214$ e $\bar{x} = 45.429$, respectivamente). No entanto, as diferenças observadas são estatisticamente significativas ($F= 3,146$ $p= 0,017^*$ e $F=2,752$ $p= 0,032^*$).

TABELA 5 – Resultados do teste ANOVA, da ansiedade em função da apresentação oral de trabalhos.

<i>Apresentação oral de trabalhos</i>	Não concordo (n=4)		Concordo pouco (n=8)		Concordo moderadamente (n=38)		Concordo muito (n=43)		Concordo muitíssimo (n=14)		F	p-level
	\bar{x}	S	\bar{x}	S	\bar{x}	S	\bar{x}	S	\bar{x}	S		
Nota Global da Escala IDATE-E	29,750	8,655	36,875	10,521	39,579	12,242	44,419	10,335	47,214	13,768	3,146	0,017*
Nota Global da Escala IDATE-T	31,500	11,930	38,875	10,260	38,500	9,602	42,558	8,427	45,429	11,752	2,752	0,032*

Apesar de a maioria dos estudantes ‘concordarem muito’ que os dias anteriores a uma frequência provocam ansiedade ($n= 42$), são os que ‘concordaram muitíssimo’ que apresentaram um maior estado de ansiedade ($\bar{x} = 49.884$), sendo estas diferenças bastante significativas ($F= 4.572$ $p= 0,001^{**}$) (cf. TABELA 6).

No que se refere à ansiedade-traço, os estudantes que ‘não concordaram’ que esta situação lhes provocava ansiedade são os que se revelam mais

ansiosos ($\bar{x} = 50.000$), sendo também estas diferenças bastante significativas ($F = 3.324$ $p = 0.008^{**}$).

TABELA 6 – Resultados do teste ANOVA, da ansiedade em função dos dias anteriores a uma frequência.

<i>Dias anteriores a uma frequência</i>	Não Respondeu (n=1)		Não concordo (n=3)		Concordo pouco (n=9)		Concordo moderadamente (n=26)		Concordo muito (n=42)		Concordo muitíssimo (n=26)		F	p-level
	\bar{x}	S	\bar{x}	S	\bar{x}	S	\bar{x}	S	\bar{x}	S	\bar{x}	S		
Nota Global da Escala IDATE-E	44.000	-	48.667	15,011	33.222	10,256	40.154	12,204	39.500	9.490	49.884	12,091	4.572	0.001**
Nota Global da Escala IDATE-T	54.000	-	50.000	13,454	34.556	11,403	38.500	8.900	39.857	8.348	45.231	10,312	3.324	0.008**

Os Estudantes que ‘concordaram muitíssimo’ que o dia da frequência lhes provoca ansiedade (cf. TABELA 7), são os que têm um maior traço de ansiedade ($\bar{x} = 44.765$), sendo estas diferenças estatisticamente significativas ($F = 2.397$ $p = 0.0429^*$). Também foram estes estudantes que revelaram um maior estado de ansiedade ($\bar{x} = 47.882$), sendo também estas diferenças estatisticamente significativas ($F = 3.164$ $p = 0.011^*$).

TABELA 7 – Resultados do teste ANOVA, da ansiedade em função do dia da frequência.

<i>Dia da frequência</i>	Resposta não coerente (n=1)		Não concordo (n=2)		Concordo pouco (n=7)		Concordo moderadamente (n=18)		Concordo muito (n=45)		Concordo muitíssimo (n=34)		F	p-level
	\bar{x}	S	\bar{x}	S	\bar{x}	S	\bar{x}	S	\bar{x}	S	\bar{x}	S		
Nota Global da Escala IDATE-E	31.000	-	39.000	1.414	39.286	16.337	36.278	9.916	40.533	9.734	47.882	13.100	3.164	0.011*
Nota Global da Escala IDATE-T	28.000	-	43.000	15.556	38.286	15.649	34.556	9.805	40.089	7.920	44.765	9.783	2.397	0.042*

Em relação à selecção dos locais de estágio (cf. TABELA 8), foram mais uma vez os estudantes que ‘concordaram muitíssimo’ que têm maior estado e traço de ansiedade ($\bar{x} = 46.026$ e $\bar{x} = 43.436$, respectivamente). No entanto, as diferenças

observadas não são estatisticamente significativas ($F= 2.072$ $p= 0.090$ -n.s. e $F= 1.815$ $p= 0.132$ -n.s., respectivamente)

TABELA 8 – Resultados do teste ANOVA, da ansiedade em função da seleção dos locais de estágio.

<i>Seleção dos locais de estágio</i>	Não concordo (n=4)		Concordo pouco (n=10)		Concordo moderadamente (n=23)		Concordo muito (n=31)		Concordo muitíssimo (n=39)		<i>F</i>	<i>p-level</i>
	<i>Ansiedade</i>		<i>Ansiedade</i>		<i>Ansiedade</i>		<i>Ansiedade</i>		<i>Ansiedade</i>			
	\bar{x}	S	\bar{x}	S	\bar{x}	S	\bar{x}	S	\bar{x}	S		
Nota Global da Escala IDATE-E	39.750	18.980	37.700	9.298	38.565	11.086	41.000	8.937	46.026	13.633	2.072	0.090-n.s.
Nota Global da Escala IDATE-T	43.500	16.421	35.600	9.594	38.565	10.197	40.484	9.223	43.436	9.173	1,815	0.132-n.s.

Apesar da maioria dos estudantes concordar moderadamente ($n= 37$) e muito ($n= 37$) que a realização de ensinamentos clínicos provoca ansiedade (cf. TABELA 9), os estudantes que não concordaram que provocava ansiedade são os que apresentam maior ansiedade-traço ($\bar{x}= 57.000$), sendo estas diferenças altamente significativas ($\bar{x}=12.260$ $p= 0.000^{***}$).

No que se refere à ansiedade-estado, são os estudantes que concordaram muitíssimo que estão mais ansiosos ($\bar{x}= 52.857$), sendo também estas diferenças altamente significativas ($F= 11.054$ $p= 0.000^{***}$).

TABELA 9 – Resultados do teste ANOVA, da ansiedade em função da realização dos ensinamentos clínicos.

<i>Durante os ensinamentos clínicos</i>	Não concordo (n=2)		Concordo pouco (n=10)		Concordo moderadamente (n=37)		Concordo muito (n=37)		Concordo muitíssimo (n=21)		<i>F</i>	<i>p-level</i>
	<i>Ansiedade</i>		<i>Ansiedade</i>		<i>Ansiedade</i>		<i>Ansiedade</i>		<i>Ansiedade</i>			
	\bar{x}	S	\bar{x}	S	\bar{x}	S	\bar{x}	S	\bar{x}	S		
Nota Global da Escala IDATE-E	51.500	21.506	31.700	5.964	37.216	8.948	42.757	10.281	52.857	12.547	11.054	0.000***
Nota Global da Escala IDATE-T	57.000	5.657	32.800	7.757	37.297	8.768	40.432	7.589	49.905	8.899	12.260	0.000***

Após analisarmos os dados obtidos, somos levados a aceitar a hipótese 4, para as situações: apresentação oral de trabalhos, dias anteriores a uma frequência, dia da

frequência e duração dos ensinamentos clínicos, sendo assim estas as situações que têm efeitos significativos sobre a ansiedade dos estudantes.

No entanto, perante estes resultados, somos levados a rejeitar a hipótese, para as situações: elaboração de trabalhos em grupo e selecção dos locais de estágio, o que equivale a afirmar que estas situações não têm efeito na ansiedade dos estudantes.

A fim de verificarmos o efeito que a variável auto-conceito tem sobre a ansiedade dos estudantes, H_5 – Existe relação entre o auto-conceito e a Ansiedade dos estudantes do 4º ano, utilizámos o coeficiente de correlação de Pearson.

De acordo com os resultados apresentados na tabela (cf. TABELA 10), concluímos que entre a nota global obtida na escala de auto-conceito pelos estudantes existe uma associação negativa altamente significativa (A-estado: $r = -0.375$ $p = 0.000^{***}$ e A-traço: $r = -0.425$ $p = 0.000^{***}$) entre o auto-conceito total e a ansiedade dos estudantes.

Relativamente aos factores, tanto o factor aceitação/rejeição social (A-estado: $r = -0.385$ $p = 0.000^{***}$ e A-traço: $r = -0.365$ $p = 0.000^{***}$), como o factor auto-eficácia (A-estado: $r = -0.375$ $p = 0.000^{***}$ e A-traço: $r = -0.453$ $p = 0.000^{***}$), apresenta-se, também, a existência de uma associação negativa altamente significativa.

No entanto, para os factores maturidade psicológica (A-estado: $r = -0.179$ $p = 0.064$ -n.s. e A-traço: $r = -0.167$ $p = 0.086$ -n.s.) e impulsividade/actividade (A-estado: $r = 0.062$ $p = 0.523$ -n.s. e A-traço: $r = 0.032$ $p = 0.747$ -n.s.), não existe associação significativa entre estes factores e a variável ansiedade.

Sendo assim, somos levados a aceitar a hipótese 5 só para a nota global de auto-conceito e para os factores aceitação/rejeição social e auto-eficácia.

Contudo, temos de rejeitar para os factores maturidade psicológica e impulsividade/actividade, podendo, assim, afirmar-se que estes factores não têm efeito na ansiedade dos estudantes, ou seja as variáveis são independentes.

Deste modo, equivale isto a afirmar que só a nota global de auto-conceito e os factores aceitação/rejeição social e auto-eficácia têm efeito significativo sobre a ansiedade dos estudantes.

TABELA 10 – Resultados da correlação de Pearson, da ansiedade em função do auto-conceito.

<i>Auto-conceito</i>	Nota global na escala		Aceitação/ Rejeição social		Auto-eficácia		Maturidade psicológica		Impulsividade/ Actividade	
	Pearson r	p-level	Pearson r	p-level	Pearson r	p-level	Pearson r	p-level	Pearson r	p-level
<i>Ansiedade</i> Nota Global da Escala IDATE-E	-0.375	0.000***	-0.385	0.000***	-0.365	0.000***	-0.179	0.064-n.s.	0.062	0.523-n.s.
Nota Global da Escala IDATE-T	-0.425	0.000***	-0.393	0.000***	-0.453	0.000***	-0.167	0.086-n.s.	0.035	0.747-n.s.

Com a finalidade de verificarmos o efeito que a variável expectativas tem sobre a ansiedade dos estudantes, H_6 – Existe relação entre as Expectativas e a Ansiedade dos estudantes do 4º ano, utilizámos o teste ANOVA.

No que se refere à expectativa de exercer a profissão (cf. TABELA 11), são os estudantes que não acreditam que vão exercer a profissão logo após a finalização do curso que apresentam maior estado e traço de ansiedade (\bar{X} = 45.102 e \bar{X} = 43.000, respectivamente). Contudo, as diferenças são estatisticamente significativas (F = 3.404 p = 0.020* e F = 2.820 p = 0.043*, respectivamente).

TABELA 11 – Resultados do teste ANOVA, da ansiedade em função da expectativa de exercer a profissão logo após a finalização do curso.

<i>Exercer a Profissão</i>	Não Respondeu (n=2)		Não (n=59)		Talvez (n=38)		Sim (n=8)		<i>F</i>	<i>p-level</i>
	\bar{X}	S	\bar{X}	S	\bar{X}	S	\bar{X}	S		
Nota Global da Escala IDATE-E	43.500	9.192	45.102	12.302	37.737	10.195	38.375	12.455	3.404	0.020*
Nota Global da Escala IDATE-T	43.500	9.192	43.000	10.125	38.395	8.698	40.089	10.329	2.820	0.043*

São os estudantes que referem que não acreditam que o curso lhes possibilitará a realização profissional que apresentam maior estado e traço de ansiedade (\bar{X} = 55.667 e \bar{X} = 50.000, respectivamente), sendo as diferenças bastante significativas para o estado de ansiedade (F = 5.572 p = 0.001**) e significativas para o traço de ansiedade (F = 3.219 p = 0.026*) (cf. TABELA 12).

TABELA 12 – Resultados do teste ANOVA, da ansiedade em função da expectativa de o curso possibilitar a realização profissional.

<i>Realização Profissional</i>	Não Respondeu (n=2)		Não (n=9)		Talvez (n=49)		Sim (n=47)		<i>F</i>	<i>p-level</i>
	\bar{X}	S	\bar{X}	S	\bar{X}	S	\bar{X}	S		
Nota Global da Escala IDATE-E	43.500	9.192	55.667	13.219	42.225	12.130	38.980	9.890	5.572	0.001**
Nota Global da Escala IDATE-T	43.500	9.192	50.000	9.192	40.449	9.648	39.298	9.607	3.219	0.026*

São novamente os estudantes que consideram que não pretendem arranjar outra actividade profissional, caso não consigam emprego na sua área profissional (cf.

TABELA 13) que apresentam maior estado e traço de ansiedade (\bar{x} = 50.333 e \bar{x} = 47.000). No entanto, apesar de as diferenças serem estatisticamente significativas para a ansiedade-estado (F = 3.185 p = 0.027*), não o são para a ansiedade-traço (F = 1.970 p = 0.123-n.s.).

TABELA 13 – Resultados do teste ANOVA, da ansiedade em função da possibilidade de arranjar outro emprego.

<i>Ansiedade</i> \ <i>Outro Emprego</i>	Não Respondeu (n=1)		Não (n=9)		Talvez (n=36)		Sim (n=61)		<i>F</i>	<i>p-level</i>
	\bar{x}	S	\bar{x}	S	\bar{x}	S	\bar{x}	S		
Nota Global da Escala IDATE-E	50.000	-	50.333	12.580	38.083	10.750	42.869	11.946	3.185	0.027*
Nota Global da Escala IDATE-T	50.000	-	47.000	12.639	38.889	9.724	40.869	9.321	1.970	0.123-n.s.

Em relação à expectativa de conseguir concretizar os seus objectivos pessoais a curto prazo (cf. TABELA 14), são os estudantes que não acreditam conseguir concretizá-los que apresentam maior estado e traço de ansiedade (\bar{x} = 44.393 e \bar{x} = 42.875, respectivamente), sendo estas diferenças estatisticamente significativas (F = 2.732 p = 0.048* e F = 2.897 p = 0.039*).

TABELA 14 – Resultados do teste ANOVA, da ansiedade em função da expectativa de conseguir concretizar os objectivos a curto prazo.

<i>Ansiedade</i> \ <i>Atingir os objectivos</i>	Não Respondeu (n=2)		Não (n=56)		Talvez (n=40)		Sim (n=9)		<i>F</i>	<i>p-level</i>
	\bar{x}	S	\bar{x}	S	\bar{x}	S	\bar{x}	S		
Nota Global da Escala IDATE-E	43.500	9.192	44.393	13.412	40.425	9.514	33.222	8.182	2.732	0.048*
Nota Global da Escala IDATE-T	43.500	9.192	42.875	10.488	39.400	8.697	33.556	7.683	2.897	0.039*

De acordo com os resultados obtidos fomos levados a aceitar a hipótese 6 para as seguintes expectativas: exercer a profissão logo após a finalização do curso, o curso possibilitar a realização profissional e conseguir concretizar os objectivos a curto prazo.

Sendo assim, isto equivale a afirmar que estas expectativas têm efeito significativo na ansiedade dos estudantes.

Relativamente à expectativa de se pretendem arranjar outra actividade profissional, caso não consigam emprego na área profissional, somos levados também a aceitar a hipótese só para a ansiedade-estado. No entanto, temos de a rejeitar para a ansiedade-traço, podendo, assim, afirmar que esta expectativa não tem efeito na ansiedade-traço dos estudantes, ou seja as variáveis são independentes. Deste modo, isto equivale a afirmar que esta expectativa (pretender arranjar outra actividade profissional, caso não consigam emprego na área profissional) só tem efeito significativo sobre o ansiedade-estado.

4. Discussão

No que diz respeito ao sexo, 24.3% dos indivíduos em estudo representam o sexo masculino, enquanto que 75.7% da referida amostra em estudo são do sexo feminino.

De acordo com os resultados obtidos pela aplicação teste (t de Student), constatámos que o género masculino apresenta menor ansiedade do que o feminino, contudo as diferenças só são estatisticamente significativas para a ansiedade-traço. Esta constatação vai de encontro à opinião de INDERBITZEN e HOPE (1995) cit. in ROSA (1998) onde, num estudo com 428 jovens, observaram que as raparigas, quando comparadas com os pares masculinos, manifestaram índices mais altos de ansiedade social, ansiedade e sintomas depressivos. Ainda BECK (1995) cit. in ROSA (1998), através de outro estudo, demonstrou que as mulheres apresentavam scores significativamente mais altos que os homens, quer em ansiedade-traço, quer também em ansiedade-estado.

Já SILOVE (1995) cit. in LA ROSA (1998), propõe que a ansiedade pode ser particularmente dependente de factores genéticos nas mulheres, as quais a apresentam consistentemente em níveis mais altos, o que poderia resultar numa maior ansiedade na vida adulta. No entanto, ROSA (1998) refere ainda que outros autores argumentam que a mulher define a sua personalidade muito mais em termos de relação que o homem, consequência do facto universal de serem as responsáveis pela segurança, cuidado e protecção das crianças pequenas.

Quanto à zona de residência, o meio rural é a zona que predomina no nosso estudo (57,0%), contrapondo com o meio urbano (43.0%).

Apesar de os estudantes da zona urbana apresentarem menor ansiedade, o teste t de Student revelou que estas diferenças não são estatisticamente significativas, não havendo relação entre a ansiedade e a zona de residência. No entanto, segundo MANSO

e MATOS (2006), os jovens que residem em meio urbano apresentaram valores médios de ansiedade mais elevados do que os jovens que vivem em meio rural.

Relativamente à coincidência do local de residência em tempo de aulas com o local de residência habitual, verifica-se que 59.8% dos estudantes mudou de residência durante a frequência do curso de Enfermagem e apenas 40.2% manteve o seu local de residência habitual.

Através da aplicação do teste t de Student observou-se que os estudantes que mantiveram a sua residência durante a frequência do Curso apresentam menor ansiedade que os que mudaram de residência, contudo, as diferenças não são estatisticamente significativas. Deste modo, podemos afirmar que não existe relação entre a ansiedade e a coincidência do local de residência em tempo de aulas com o local de residência habitual.

Mesmo assim, segundo um estudo efectuado por CLAUDINO e CORDEIRO (2004), os inquiridos que residiam em casa alugada independente apresentavam níveis de ansiedade mais elevados, o que pode estar relacionado com factores de ordem emocional e de suporte social, pois os estudantes não recebem o apoio necessário, especialmente da sua família.

Após a utilização do teste ANOVA, relativamente às 6 situações académicas enunciadas no método de colheita de dados que podem desencadear ansiedade, podemos fazer a seguinte análise das mesmas:

Face à elaboração de trabalhos de grupo, 43.0% dos inquiridos respondeu que ‘concordava moderadamente’. Assim sendo, observamos que os estudantes que referiram ‘concordar muitíssimo’ (6.5%) que a elaboração dos trabalhos de grupo provocava ansiedade, são os que, de facto, apresentam uma maior ansiedade. Contudo, não existem diferenças estatisticamente significativas.

Na apresentação oral de trabalhos, 40.2% dos inquiridos ‘concordam muito’ e 35.5% ‘concordam moderadamente’. Foram os estudantes que referiram ‘concordar muitíssimo’ (13.1%) os que revelaram maior ansiedade, sendo estas diferenças estatisticamente significativas. Em concordância com isto, ESCUDERO (1999) refere que as situações que requerem que o aluno fale em público, como durante a apresentação de trabalhos e seminários, avaliações orais e participação durante aulas, podem constituir práticas que são provocadoras de ansiedade excessiva.

Em dias anteriores a uma frequência, 39.3% dos inquiridos referiram ‘concordar muito’, sendo que 24.3% ‘concordam moderadamente’ e outros 24.3% ‘concordam muitíssimo’. Apesar de a maioria dos estudantes considerar que os dias anteriores provocam muita ansiedade, são os que ‘concordaram muitíssimo’ (24.3%) que apresentaram uma maior ansiedade-estado, sendo estas diferenças bastante significativas. No que se refere aos estudantes que ‘não concordaram’ (2.8%) que esta

situação lhes provocava ansiedade, foram estes, contudo, os que revelaram uma maior ansiedade-traço, sendo também estas diferenças bastante significativas.

No dia de frequência, 42.1% dos inquiridos ‘concordam muito’ e 31.8% ‘concordam muitíssimo’ que esta situação lhes provoca ansiedade. São os estudantes que ‘concordam muitíssimo’ os que têm uma maior ansiedade, sendo estas diferenças estatisticamente significativas. Segundo CLAUDINO e CORDEIRO (2004), de facto, a população universitária revela um nível elevado de ansiedade em exame.

Aquando da selecção dos campos de estágio, 36.4% dos inquiridos ‘concorda muitíssimo’ e 29.0% ‘concorda muito’. Nesta situação, foram mais uma vez os estudantes que ‘concordaram muitíssimo’ que têm maior ansiedade. No entanto, ambas as diferenças não são estatisticamente significativas.

Durante os ensinamentos clínicos, 34.6% dos inquiridos ‘concordam muito’ e igual número ‘concorda moderadamente’. Curiosamente, apesar da maioria dos estudantes ‘concordar moderadamente’ e ‘concordar muito’ que a realização de ensinamentos clínicos provoca ansiedade, os estudantes que ‘não concordaram’ (3.7%) que esta situação lhes provoca ansiedade são os que apresentam maior ansiedade-traço, sendo estas diferenças altamente significativas. No que se refere à ansiedade-estado, foram os estudantes que ‘concordaram muitíssimo’ que estão mais ansiosos, sendo também estas diferenças altamente significativas. De igual forma, CERCHIARI (2004), no seu estudo, demonstra que os ensinamentos clínicos, pelo facto de abarcarem vários riscos e medos provocam, nos Estudantes de Enfermagem, um maior número de transtornos emocionais, como é o caso do stress e da ansiedade.

Após analisarmos os dados obtidos, somos levados a aceitar que as situações de apresentação oral de trabalhos, dias anteriores a uma frequência, dia da frequência e duração dos ensinamentos clínicos têm efeito sobre a ansiedade dos estudantes. No entanto, as situações de elaboração de trabalhos em grupo e a selecção dos locais de estágio não têm qualquer efeito na ansiedade dos estudantes.

Os indivíduos constituintes da amostra, possuem um auto-conceito superior à média encontrada por VAZ SERRA (1985) cit. in. VAZ SERRA (1986) para a população portuguesa. À semelhança dos resultados obtidos por VAZ SERRA (1985) cit. in VAZ SERRA (1986), o nosso estudo também revelou que os homens apresentam melhor auto-conceito que as mulheres.

A fim de verificarmos o efeito que a variável auto-conceito tem sobre a ansiedade dos estudantes, utilizamos o Coeficiente de Correlação de Pearson.

De acordo com os resultados obtidos, concluímos que entre a nota global obtida na escala de auto-conceito pelos estudantes existe uma associação negativa altamente significativa entre o auto-conceito total e a ansiedade dos estudantes de Enfermagem.

Relativamente aos factores, tanto o factor aceitação/rejeição social, como o factor auto-eficácia apresentaram, também, a existência de uma associação negativa altamente significativa. No entanto, para os factores maturidade psicológica e impulsividade/actividade não existe associação significativa entre estes e a variável ansiedade. Assim, somos levados a aceitar que só a nota global de auto-conceito e os factores aceitação/rejeição social e auto-eficácia influenciam a ansiedade dos estudantes, ao contrário dos factores maturidade psicológica e impulsividade/actividade, que não têm qualquer efeito na ansiedade dos estudantes, ou seja as variáveis são independentes, o que nos leva a afirmar que quanto menor é o auto-conceito, mais elevados serão os níveis de ansiedade e vice-versa.

De encontro a estas conclusões, um trabalho realizado por VAZ SERRA (1986) em 554 indivíduos com o objectivo de estudar a relação entre o auto-conceito e a ansiedade, demonstrou que existe uma correlação negativa, altamente significativa entre estes, salientando, assim, a importância do auto-conceito no funcionamento social do indivíduo.

Após a utilização do teste ANOVA na variável das expectativas dos estudantes em relação à finalização do seu curso e posterior ingresso no “mundo do trabalho”, existem 4 afirmações a analisar:

Quanto ao exercer a profissão logo após a finalização do curso, 55.1% dos inquiridos consideram que “não” e 35.5% responderam “talvez”. Assim sendo, são os estudantes que referem não acreditar que vão exercer a profissão logo após a finalização do curso que apresentam maior nível de ansiedade, sendo as diferenças estatisticamente significativas. No estudo de NEIVA (2005), observou-se que, no grupo com perspectivas de trabalho mais promissoras, os indivíduos mais decididos eram menos ansiosos e tinham mais ofertas de emprego do que os menos decididos. No grupo com oportunidades de trabalho reduzidas, a decisão mostrou-se associada positivamente com a motivação em relação à profissão e negativamente com a ansiedade. Tais achados sugerem que a ansiedade tem um papel importante na decisão de carreira, especialmente entre os estudantes que estão a ingressar em profissões com mercados de trabalho menos favoráveis.

Quanto à realização profissional através do curso, 45.8% dos inquiridos responderam “talvez” e 43.9% disseram que “sim”. Nesta situação, são os estudantes que referem que não acreditam que o curso lhes trará realização profissional (8.4%) os que apresentam uma maior ansiedade, sendo as diferenças bastante significativas para a ansiedade-estado e significativas para a ansiedade-traço.

Quanto a arranjar outro emprego se não conseguir um na sua área profissional, 57.0% dos inquiridos responderam que “sim” e 33.6% respondeu “talvez”. São novamente os estudantes que consideram que não pretendem arranjar outra actividade

profissional (8.4%), caso não consigam emprego na sua área profissional, que apresentam um maior nível de ansiedade. No entanto, apesar de as diferenças serem estatisticamente significativas para a ansiedade-estado, não o são para a ansiedade-traço.

Quanto ao conseguir atingir os seus objectivos a curto prazo através do exercício da profissão, 52.3% dos inquiridos considera que “não” e 37.4% responderam que “talvez” seja possível. Sendo assim, são os estudantes que referem não conseguir concretizá-los os que apresentam um maior nível de ansiedade, sendo estas diferenças estatisticamente significativas.

De acordo com os resultados obtidos, fomos levados a aceitar que o exercer a profissão logo após a finalização do curso, o curso possibilitar a realização profissional e o conseguir concretizar os objectivos a curto prazo, têm efeito significativo na ansiedade dos estudantes. Relativamente a arranjar outra actividade profissional, caso não consigam emprego na área profissional, tem também efeito significativo, mas apenas e só na ansiedade-estado, não tendo qualquer efeito na ansiedade-traço dos estudantes. Do mesmo modo, ESCUDERO (1999), refere que os estudantes, cientes das expectativas do mercado, começam, ainda na universidade, a sentir-se pressionados a adquirirem competências no seu campo profissional. Esta exigência, aliada à certeza de que nem todos serão absorvidos pelo mercado de trabalho, principalmente na realidade actual do desemprego, gera desconforto e ansiedade.

Conclusões

Como se constatou no decorrer deste trabalho, a ansiedade é um sentimento frequente, fazendo parte das emoções sentidas pelos jovens e em especial pelo jovem universitário.

O estudante universitário, enquanto jovem adulto em processo de desenvolvimento, encontra-se mais susceptível a situações de mal-estar e a desencadear emoções como a ansiedade. Para além disso, este encontra-se perante variadas situações académicas, como a proximidade de frequências ou exames, entre outros, que igualmente lhe podem provocar ansiedade.

Na recta final da nossa investigação, no que respeita à caracterização da amostra em estudo, ressaltam as seguintes conclusões:

- Relativamente à idade dos estudantes em estudo, os dados globais da nossa pesquisa revelam que o grupo etário mais representativo é 20;22, com 54.2%, sendo o menos frequente o grupo 24;26, com 7.5%;
- A amostra estudada, constituída por 107 estudantes de Enfermagem da Escola Superior de Saúde de Viseu (ESSV), é predominantemente do sexo feminino (81 indivíduos), com uma representatividade de 75.7%;

- No que diz respeito ao estado civil, constatámos que, da amostra, apenas um indivíduo é casado, o que equivale a afirmar que 99,1% são solteiros;
- A maioria dos estudantes (57.0%) residem em meio rural, tendo 59.0% dos estudantes mudado de residência durante a frequência do curso de Enfermagem;

- Em relação ao auto-conceito, os estudantes revelaram possuir um auto-conceito ($\bar{x} = 75.55$) superior à média encontrada por VAZ SERRA (1985) cit. por. VAZ SERRA (1986) para a população portuguesa em geral.

No que respeita à interpretação das nossas hipóteses de investigação destacamos, com base no estudo inferencial, que:

- Apesar dos estudantes do género feminino revelarem maior ansiedade do que os do masculino, este efeito só é estatisticamente significativo para a ansiedade-traço;

- Não existe efeito significativo entre a zona onde residem os estudantes e a ansiedade que apresentam, embora sejam os estudantes do meio rural que exibem maior ansiedade;

- Quanto à coincidência do local de residência habitual com o local de residência em tempo de aulas, são os estudantes que mudaram de residência que apresentam maior ansiedade, não havendo, no entanto, efeito estatisticamente significativo;

- Em relação às situações académicas consideradas, apenas constatámos que existe uma associação significativa entre a ansiedade dos estudantes e as seguintes situações: apresentação oral de trabalhos; dias anteriores a uma frequência; dia da frequência e duração dos ensinamentos clínicos, associações também encontradas por ESCUDERO (1999), CLAUDINO e CORDEIRO (2004) e CERCHIARI (2004), respectivamente. Em relação à elaboração de trabalhos em grupo e à selecção dos locais de estágio, constatámos que não têm qualquer efeito na ansiedade dos estudantes;

- Apesar de se verificar uma correlação negativa entre o auto-conceito e a ansiedade apresentada pelos estudantes (quanto menor for o auto-conceito maior é a ansiedade), esta só é altamente significativa para a nota global de auto-conceito e para os factores aceitação/rejeição social e auto-eficácia. Em relação aos factores maturidade psicológica e impulsividade/actividade, apesar de também se verificar a existência de uma correlação negativa, esta não é significativa;

- A associação entre as expectativas e a ansiedade apenas se revelou significativa para as expectativas: exercer a profissão logo após a finalização do curso; o curso possibilitar a realização profissional e o conseguir concretizar os objectivos a curto prazo. Para a expectativa de arranjar outra actividade profissional caso não consigam emprego na área profissional, apenas existe efeito na ansiedade-estado.

Em jeito de conclusão e de forma a responder à grande questão que se coloca neste estudo, relativamente ao facto dos estudantes de Enfermagem do 4º ano da ESSV se encontrarem ou não ansiosos, podemos referir, face aos resultados obtidos, que a maior parte dos estudantes de Enfermagem se encontra no nível II de ansiedade (moderado), tanto para a ansiedade-estado, como para a ansiedade-traço.

Em consonância com estes resultados, CERCHIARI (2004) refere que é precisamente no 4º ano que se observa um comprometimento maior da saúde mental do universitário, com o desencadeamento de ansiedade e stress psíquico, falta de confiança na capacidade de desempenho/auto-eficácia, perturbações do sono e perturbações psicossomáticas. O mesmo estudo refere ainda que o processo de aprendizagem em Enfermagem é stressante para os estudantes, desencadeando sofrimento psíquico, o que é reforçado por uma maior prevalência nas experiências de ansiedade, irritação, impaciência, cansaço e sobrecarga, que tornam a vida uma luta constante, desgastante e infeliz. Sendo assim, os estudantes de Cursos de Enfermagem são os que apresentam a maior prevalência de Transtornos Mentais (34%), seguidos pelos dos cursos de Letras (22%), de Direito (17%) e de Informática (9%). Isto demonstra que o Curso de Enfermagem provoca, em algumas situações, um efeito negativo sobre a performance académica, saúde física e bem-estar emocional (CERCHIARI, 2004).

Por fim, após a análise dos resultados consideramos ser pertinente a replicação deste estudo e, perante evidências, actuar no sentido de minimizar situações limite.

“O fabrico do conhecimento verdadeiramente científico é uma tarefa com um grau de dificuldade elevado, mas, quando se alia o método científico ao desejo de melhor se compreender uma realidade com a qual se convive quotidianamente, até parece fácil...” (CALDEIRA, 2004 cit in ANDRÉ, 2005).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA & FERREIRA (1997). *Adaptação, rendimento e desenvolvimento dos estudantes no ensino superior: Construção/validação do questionário das vivências académicas*. Dissertação de Mestrado. Braga, Universidade do Minho: Centro de estudos em Educação e Psicologia – CEEP.
- ANDRÉ, C. M. (2005). *Impacto da Doença Coronária na Qualidade de Vida da Pessoa: Um Estudo Longitudinal*. Coimbra: [s.n.].
- BIAGGIO, A.M.B. & NATALICIO, L. (1979) - *Manual para Inventário de Ansiedade Traço – Estado (IDATE)*. Rio de Janeiro: Centro Editor de Psicologia Aplicada (CEPA).
- CLAUDINO, J. e CORDEIRO, R. (2006). Níveis de ansiedade e depressão nos alunos do curso de licenciatura em enfermagem. O caso particular dos alunos da Escola Superior de Saúde de Portalegre. In *Millenium*, n.º 32, pp. 197-210.
- CERCHIARI, E. A. N. (2004). *Saúde mental e qualidade de vida em estudantes universitários*. [em linha]. 2004. [consultado a 25 de Março de 2008]. Disponível em <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000322336>>.
- ESCUDERO, R.M.P (1999). *Assessoria comportamental no manejo do medo de falar em público* – Dissertação de Mestrado, PUCAMP, Campinas, São Paulo.

- LA ROSA, J. (1998). Ansiedade, sexo, nível sócio-econômico e ordem de nascimento. In *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre. Vol. 11, nº 1, pp. 59-70. Disponível on line em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010279721998000100004&lng=en&nrm=iso>. doi: 10.1590/S0102-79721998000100004.
- MANSO, D. S. S. & MATOS, M. G. (2006). Depressão, ansiedade e consumo de substâncias em adolescentes. In *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*. Junho de 2006. Vol. 2 (1), p. 73-84. Disponível on line em <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872006000100008&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>
- NEIVA, K. M. C. (2005). Fim dos estudos universitários: Efeitos das dificuldades do mercado de trabalho na representação do futuro profissional e no estabelecimento de projetos pós-universitários dos estudantes. In *Psicologia USP*. Vol. 7 (1-2), pp. 203-224. Disponível on line em: <http://pepsic.bvpspsi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167851771996000100010&lng=pt&nrm=iso>
- POLYDORO, A. J. & SCHLEICH, A. L. R. (2006). Análise de um Instrumento de Avaliação da Satisfação Acadêmica de Universitários. In *CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL – Anais do VII CONPE*, Curitiba.
- SPIELBERGER, C.D. *et al.* (1970). *Manual for State-Trait Anxiety Inventory*. CA: Consulting Psychologists Press. Palo Alto.
- VAZ SERRA, A. (1986). A Importância do Auto-Conceito. In *Psiquiatria Clínica*. 7 (2).